

*Quatro sátiras atribuídas a Gregório de Matos:
um breve exercício de edição*

José Leonardo Sousa Buzelli
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ABSTRACT

This article transcribes, edits, and comments four satirical poems attributed to Bahia-born poet Gregório de Matos, transmitted by manuscripts kept at the National Library of Rio de Janeiro (Brazil).

Keywords: Gregório de Matos (c. 1633–1696); satirical poetry; 17th century Portuguese colonial poetry; poetry in Portuguese; Textual Criticism.

Este artigo transcreve, edita e comenta quatro poemas satíricos atribuídos ao poeta baiano Gregório de Matos, preservados em manuscritos sob a guarda da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Brasil).

Palavras-chave: Gregório de Matos (c. 1633–1696); poesia satírica; poesia colonial portuguesa do século XVII; poesia em língua portuguesa; Crítica Textual.

Introdução

Este artigo transcreve e edita os mss. I-07,11,044, I-07,11,045, I-07,11,046 e I-07,11,047, guardados na Fundação Biblioteca Nacional (FBN) do Rio de Janeiro, a partir de fac-símiles digitais (PDFs) disponibilizados pela própria instituição em sua página na web.

Manuscritos a tinta de coloração amarronzada no reto de quinze folhas de papel pautadas¹, contendo quatro, quatro, cinco e dois fólhos respectivamente, os documentos trazem cópias de sátiras avulsas atribuídas a Gregório de Matos (c. 1633–1696). O mesmo copista produziu ao menos outro manuscrito — o I-7,12,32 —, com nove composições atribuídas a Eusébio de Matos, irmão de Gregório, sempre com a mesma letra cursiva firme e segura e em igual papel. Segundo Francisco Topa, o escriba seria certo Manuel Ferreira Lagos (ver Topa 1999, vol. 1, tomo 1, 751). Lagos esteve ativo durante a segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do XX, e a ele A. do Valle Cabral atribuiu a feitura de dois códices outrora pertencentes a João António Alves de Carvalho (ver Gregório de Matos 1882, VII). Seja quem for, o copista se esforça em manter a grafia já arcaica de sua fonte, ainda que por vezes se distraia e a atualize.

Os textos apresentam-se anônimos, com o autor sendo referido no primeiro deles como “P.” (de “Poeta”)². Infere-se a partir disso e da numeração de parte dos fólhos que o copista os planejava encadernar num códice, possivelmente volumoso³, de composições dos irmãos Matos⁴, e que o nome de Gregório de Matos devesse figurar na folha de rosto, hoje perdida ou nunca produzida.

¹ As folhas dos quatro manuscritos têm trinta e dois centímetros de altura, com letras que medem sempre três milímetros. Já a altura da área de escrita é de dezesseis centímetros nos manuscritos I-07,11,044 e 045, e de nove centímetros e meio nos manuscritos I-07,11,046 e 047. Devo essas dimensões a Mônica Velloso Azevedo, Chefe do Setor de Informação Documental do Centro de Coleções e Serviços aos Leitores da FBN, a quem muito agradeço.

² Note-se que no manuscrito com os versos de Eusébio de Matos lê-se “ermão do nosso P.”

³ O ms. I-07,11,046 traz os retos das folhas numerados a lápis, no canto inferior direito, de 305 a 309 (e também a lápis de 1 a 5, centralizado no cabeçalho); o I-07,11,047, de 292 a 293 (e de 1 a 2, a lápis azul, no canto superior direito). Também os dois outros apresentam numerações distintas — de *a* a *d*, a lápis vermelho, e de 1 a 4, à tinta, o I-07,11,044; e de *e* a *h*, a lápis vermelho, e de 1 a 4, a lápis azul, o I-07,11,045. Excetuando-se a numeração a tinta do primeiro, porém, todas as demais são de mão(s) alheia(s), decerto de arquivista(s), o que impossibilita qualquer certeza em relação ao número aproximado de fólhos produzidos (ou planejados), bem como sobre a *dispositio* do volume.

⁴ Talvez a exemplo do chamado Códice Imperador 1, em que os versos de Eusébio se seguem aos de Gregório, embora o Códice Asencio-Cunha os traga intercalados no primeiro volume.

Ms. I-07,11,044

A primeira sátira está dividida em seis décimas de versos heptassilábicos (a chamada redondilha maior), com eventuais lapsos métricos (o último verso, por exemplo, aqui pentassilábico, aparece com sete sílabas poéticas no Códice Asensio-Cunha). A primeira décima apresenta o padrão de rimas ABBAACCBBC, as demais, ABBAACCDDC. O verso 37 apresenta rima interna (igreja/seja). Dos sessenta versos, 27 são agudos (ou oxítonos) e 33 são graves (ou paroxítonos).

A didascália que serve de proêmio associa a sátira a um episódio específico da vida de Gregório de Matos, emprestando-lhe um contexto externo — a chegada de D. João de Lencastre (1646-1707) à Bahia, vindo de Angola, quando teria se hospedado junto a António Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, a quem outras fontes chamam de António Luís Coutinho da Câmara (1638-1702). Segundo D. António Caetano de Sousa, António Luiz foi

Almotace-Mor do Reino, Senhor da Capitania do Espírito Santo, que vendeu à Coroa, Comendador de S. Miguel de Bobadela, na Ordem de Cristo, serviu de Aposentador-Mor por seu primo o Conde de Santiago, foi Governador de Pernambuco, e Capitão Geral do Estado do Brasil, e ultimamente Vice-Rei da Índia; faleceu no ano de 1702 na Bahia, voltando para o Reino, tendo servido todos estes lugares com inteireza, e desinteresse (Caetano de Sousa 1755, 309-10, modernizei a grafia).

A vinda de António Luiz teria ocorrido em 1694, quando Lencastre substituiu ao último no cargo de Governador-Geral do Brasil. Ora, a tradição em torno de Gregório de Matos, nem sempre verificável (e bastante dependente da *Vida* que dele escreveu Manuel Pereira Rebelo em meados do século XVIII), faz do primeiro um admirador das sátiras do poeta baiano, e do segundo um inimigo empedernido. Além disso, 1694 teria sido, justamente, o ano em que Gregório foi deportado da Bahia para Angola.

De interesse é o parentesco legal aludido pela didascália dos dois Governadores, pois nada encontrei que indique que fossem cunhados. D. João de Lencastre, filho de D. Rodrigo de Lencastre, casou-se em 1674 com Maria Teresa de Portugal Almeida, filha de D. Pedro de Almeida; já António Luís Coutinho da Câmara, filho de Ambrósio de Aguiar Coutinho, desposou, também em 1674, Dona Constança de Portugal, filha de Luís da Silva Telo de Meneses. Tal parentesco, portanto, na ausência de documentação cartorial comprobatória, é mera ficção retórica destinada a apresentar o desterro de Gregório de Matos como motivado por rancor ou ciúme pessoal, portanto injusto (porque descolado de seus defeitos ou méritos), surgido num meio familiar do qual seria próximo,

ainda que estivesse temporariamente apartado. Talvez Coutinho perseguisse o poeta porque Lencastre o protegesse, ou vice-versa.

Já a *Vida* de Rebelo, em trecho em que cita versos desta sátira, apresenta outro contexto: Gregório teria enviado o poema a Lencastre para que este intercedesse junto ao rei, permitindo assim sua volta a Portugal, donde teria sido desterrado devido a intrigas palacianas:

Daqui infiro que invejas indignas ocasionaram que o doutor Gregório de Matos se retirasse desgostoso para a pátria daquelas injustiças, que de ordinário padecem na côrte os beneméritos. E com ele mesmo provarei o que digo, que é autor sem suspeita, escrevendo umas décimas a D. João de Alencastre:

Mas inda que desterrado
me tem o fado e a sorte
por um juiz de má morte, &c. (in Matos 1882, 9, modernizei a grafia).

Ignorada a didascália, a sátira se apresenta como a interpelação do eu-lírico — um nobre injustamente desterrado depois da intervenção de algum poderoso *snob* (no sentido etimológico da palavra) — a uma anônima personagem de influência junto à côrte, a quem pede que interceda junto ao rei para que este não só revogue a pena de desterro, como ainda recompense o eu-lírico pelos seus merecimentos e serviços. Tal tópica remonta à *Apologia de Sócrates* platônica: sendo-lhe permitido escolher a punição por seus alegados crimes de impiedade, Sócrates sugeriu recompensas públicas bancadas pelo estado. A ousadia de Sócrates custou-lhe a vida; a de Gregório, parece sugerir a didascália, um segundo desterro, desta vez em Angola.

Ms. I-07,11,045

Também esta sátira está dividida em seis décimas de versos heptassilábicos, a maioria graves (apenas sete são agudos), e com o idêntico padrão de rimas ABBAACDDC.

O parentesco entre António Luiz Coutinho da Câmara e D. João de Lencastre é também aqui aludido na didascália, que apresenta João Gonçalves da Câmara Coutinho como filho do primeiro (o que é corroborado por outras fontes⁵) e sobrinho do segundo. De João Gonçalves, diz D. António Caetano de Sousa que

⁵ Escreve D. António Caetano de Sousa que do matrimônio de D. Constança de Portugal com António Luiz da Câmara Coutinho nasceram João Gonçalves da Câmara e outros dois filhos: Pedro Gonçalves da Câmara e Luiz Gonçalves da Câmara. Ver Caetano de Sousa 1755, 309-10.

nasceu a sete de maio de 1675; faleceu a 25 de setembro de 1751, e foi Almotace-Mor do Reino, Comendador de Santiago de Bonfe, S. Miguel de Bobadela, S. Salvador de Maiorca, todas na Ordem de Cristo, acompanhou ao Senhor Rei D. Pedro II na Campanha da Beira no ano de 1704. Casou a 19 de maio de 1698 com Dona Luiza de Menezes, Dama do Paço, que faleceu a oito de abril do ano de 1723, filha de D. Lourenço de Almada, Mestre-Sala da Casa Real etc. (Caetano de Sousa 1755, 311, modernizei a grafia).

A sátira gira em torno de uma dupla celebração — uma religiosa, a outra secular e militar. A religiosa é o martírio de João Batista, comemorado em vinte e nove de agosto segundo prescreve o *Martirologio Romano*. A secular seria a investidura de João Gonçalves no posto de capitão de uma Companhia de Infantes. A procissão religiosa ao que parece é invadida e bagunçada pelo desfile militar, e o fato de santo e capitão serem xarás só faz aumentar a confusão. A crítica é relativamente sutil, pois o poeta não ataca o filho de seu desafeto frontalmente: é preciso estar atento ao jogo de oposições que faz com que à queda do santo se contraponha a ascensão de um pecador — que se apropriaria de forma indevida das honras prestadas a João Batista. Fato ainda mais grave, em suas manifestações os cidadãos teriam preferido o militar ao santo. Lidos nesse contexto, os estalos do céu são a óbvia expressão da ira de Deus contra a ímpia assistência.

Além disso, a depender da posição desta sátira em relação à anterior, a menção de João de Lencastre pode ser lida como vingança por este não ter atendido aos apelos do poeta para que intercedesse junto ao rei em seu favor: Lencastre desempenha aqui a função subalterna de sargento — palavra cuja etimologia traduz como *servidor*. Se o sol aparece, é para fazer troça dele e para tornar mais insuportável o desempenho de seu papel.

Com isso, um poema que à primeira vista poderia parecer elogioso revela-se profundamente irônico: se tal dia se mostra digno dos “arquivos da lembrança” e dos “volumes da memória”, é por sua negativa exemplaridade.

Ms. I-07,11,046

Os oitenta e oito versos heptassilábicos do terceiro poema — intitulado “romance” — estão divididos em vinte e duas quadras. Os versos ímpares não rimam, enquanto os pares têm rima vocálica (sempre *i* e *a*), ignorando as consoantes. Apenas onze dos versos são agudos; muitos dos graves terminam com o hiato *-ia* (*senhoria, diria, poria* etc.).

Esta sátira faz falar Braço Forte, que, segundo Wisnik, fôra “criado do governador Antônio de Sousa Menezes, chamado o ‘Braço de Prata’” (in Matos, 2010, p. 188, n. 1), referido na didascália. A alcunha deste vinha de uma prótese

de prata que usava no lugar de um dos braços, perdido, ao que parece, nas guerras contra os holandeses em Pernambuco. O governador desentendeu-se logo com o Padre Vieira e com Bernardo Vieira Ravasco, secretário de Estado na Bahia, a quem teria perseguido com tamanha sanha que acabou suspenso pela coroa a pedido da “nobreza da Bahia”. Não foi decerto uma figura querida dos soteropolitanos, e entrou para a história com a pecha de cruel e tirânico⁶.

Acerca de Braço Forte sei apenas o que dizem as sátiras gregorianas: que roubava a mando de Menezes (“Despachavam-me a furtar, | E eu furtava”) e que acabou preso pelo patrão, talvez para calar insinuações que se espalhavam de boca em boca. Nunca saberemos se há nessa relação criminosa algo de verdade, ou se tudo não passa de maledicências dos desafetos do governador, mas (como no caso de António Luiz Coutinho da Câmara e D. João de Lencastre) isso pouco importa para o satirista, mais preocupado com a verossimilhança do ataque do que com a exatidão dos fatos.

À tópica principal — o subalterno que paga pelos crimes encomendados pelo senhor — unem-se ecos de outras. Por exemplo, o raciocínio resignado de Braço Forte — de que “Todo este mundo é prisão” (v. 57), que a liberdade é ilusória e, portanto, não pode ser perdida — em certa medida encontra-se já na filosofia platônica e na teologia gnóstica dela derivada, que enxergava o mundo material e os corpos como calabouços de almas⁷. Lembra ainda a conclusão a que chega Segismundo, o protagonista da peça *La Vida Es Sueño* (de 1635) de Pedro Calderón de la Barca (vv. 2182-87) —

¿Qué es la vida? Un frenesí. | ¿Qué es la vida? Una ilusión, | una sombra, una ficción, | y el mayor bien es pequeño, | que toda la vida es sueño, | y los sueños, sueños son. (Calderón de la Barca 2006, 165)

—, que é também a de um epigrama grego de Paladas de Alexandria (*Anth. Pal.* 10.82).

Por fim, compare-se a prisão de Braço Forte com a do pirata capturado por Alexandre, o Grande, episódio narrado da seguinte forma pelo Padre António Vieira no *Sermão do Bom Ladrão* (de 1655):

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele (*sc.* o pirata) que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, Senhor, que eu porque roubo em uma barca sou ladrão, e vós porque

⁶ Ver, a respeito de António de Sousa Menezes, os artigos de Macêdo (2011) e Waldemer (2005).

⁷ Um exemplo claro dessa visão gnóstica é expressa pelo chamado *Evangelho de Judas*. Ver, a esse respeito, as análises de Kasser *et alii*, 2006, *passim*.

roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. (Vieira 2000, 395)

Agostinho de Hipona, provável fonte de Vieira, traz a anedota na *Cidade de Deus* (4.4), com menos detalhes:

De fato, um pirata respondeu a Alexandre, o Grande, que o capturara, com elegância e veracidade. Pois ele, quando o rei perguntou-lhe com que direito infestava o mar, respondeu com livre altivez: “Com que direito tomas todo o orbe terrestre? Só porque faço isso com um barquinho de nada sou chamado de ladrão, enquanto tu, que usas uma grande frota, és chamado de imperador⁸ (Agostinho 1863, 133).

Ms. I-07,11,047

O texto deste outro romance satírico está aqui incompleto — faltam dele as vinte e duas últimas quadras presentes no Códice Asensio-Cunha, que deviam ocupar outras cinco folhas (quatro com cinco estrofes cada, a última com duas) que, se chegaram a ser copiadas, se extraviaram.

O que temos, portanto, são os trinta e seis primeiros versos heptassilábicos e brancos (i.e. sem rimas), sendo dezessete graves e dezenove agudos alternados, os graves nas linhas ímpares e os agudos nas pares. Duas possíveis gralhas: o quinto verso é agudo e o trigésimo segundo é hexassílabo. Dos versos graves, apenas dois têm terminação idêntica: *partido* (v. 17) e *arrependido* (v. 35). As terminações dos agudos se repetem com maior frequência, como seria de se esperar, mas de forma muito espaçada e irregular para que se os considere rimas — e.g. *escarpim* (v. 12), *mim* (v. 20), *sim* (v. 22), *rocim* (v. 28) e *camarim* (v. 36).

O poema ataca Pedro Alves da Neiva, personagem néscia e aborrecida que partira do Brasil para Portugal, a didascália não nos diz o porquê. Nas nove quadras copiadas o poeta lamenta a partida deste que era zombado por todos (quadras 1 e 6-7), adivinha que ele voltará espoliado (quadras 2-4) e que com sua estupidez já aborrece a tripulação do barco que o leva (quadras 8-9). A didascália do Códice Asensio-Cunha diz que ele partira “casado e rico” para “comprar nobreza”, e inferimos daí qual será o desfecho tragicômico da aventura.

A tópica da pessoa que busca ser respeitada mudando de ares, e não de modos, fora expressa já na Antiguidade por Horácio (*Epist.* 1.11.27) e Lucrecio

⁸ “Eleganter enim et ueraciter Alexandro illi magno quidam comprehensus pirata respondit. Nam cum idem rex hominem interrogasset, quid ei uideretur, ut mare infestaret, ille libera contumacia: ‘Quod tibi, inquit, ut orbem terrarum; sed quia id ego exiguo nauigio facio, latro uocor; quia tu magna classe, imperator’.” A tradução é minha.

(RN, 3.1058-75). Ainda no século XVII, Francisco de Quevedo escreveu, na novela picaresca *El Buscón* (de 1626), que “nunca mejora su estado quien muda solamente de lugar, y no de vida y costumbres” (Quevedo 2000, 308). A crítica dos que se dão ares de nobreza sem o merecer é uma constante dos versos gregorianos, e o nome de Pedro Alves da Neiva aparece em outros poemas do *corpus*.

Num soneto — “Sete anos a Nobreza da Baía” —, por exemplo, ficamos sabendo que a nobre e rica esposa de Neiva chamava-se Ana Maria e que viera da Índia, e que ele se casara com ela graças à intervenção (indevida) de certo Frei Tomás. Uma das didascálias do soneto diz mesmo que Neiva seria “sujeito a quem o Autor aborreceu por se introduzir Fidalgo altivo e atrevido” (in Topa 1999, vol. 2, 444). Ele talvez seja o “Pedro Alvez da Neiva” de quem se diz, em 1684, que se

escusou [...] por ser Cavaleiro do Hábito de Cristo [...] de Servir o Ofício de Procurador do Conselho (sc. do Senado) contra a forma da ordenação de Vossa Majestade, que não escusa ninguém de Servir o dito Ofício por maior Privilégio, que tenha [...] (*Documentos Históricos do Arquivo Municipal* 1952, 2^o vol., 126, modernizei a grafia)

Personagem de mesmo nome aparece numa carta, datada de 13 de julho de 1693, de António Luís Gonçalves da Câmara Coutinho (o pretenso cunhado de D. João de Lencastre) ao rei, que ordenara em 17 de março que

havia de ser preso Pedro Alves da Neiva, e remetido a esse Reino com toda a segurança [...] Tanto me veio à mão a carta de Vossa Majestade [...] mandei logo chamar o Ouvidor geral do crime e lhe entreguei a dita carta, e lhe dei Ajudantes, e soldados, para se fazer esta diligência [...] (*Documentos Históricos 1692-1712* 1936, 142)

Neiva, porém, ao menos de início se safou de ser preso, pois, tendo sido alertado de antemão,

se pôs em cobro, e se não pode fazer (sc. a prisão), por se ter recolhido a um Mosteiro desta Cidade. Mas todas as vezes, que houver ocasião de se poder executar, fico advertido para que se prenda, e remeta a esse Reino. (*Documentos Históricos* 1936, vol. 34, 142-43, modernizei a grafia)

Procedimentos de edição

Mantive escrupulosamente a grafia e a pontuação da época, além do uso algo errático das maiúsculas. Tampouco emendei a métrica dos versos. Indico as

quebras de linhas das didascálias com um traço vertical (|); não indico as quebras de páginas e fólhos. Meus raríssimos acréscimos editoriais vêm entre <colchetes angulares>. Estendo as abreviaturas, indicando com *itálico* as letras não escritas. Indico em aparato crítico as variantes lexicais e gramaticais do Códice Asensio-Cunha (a partir da edição de Hansen e Moreira), sem anotar, todavia, as divergências de grafia (que os editores modernizam) e pontuação.

Siglas e abreviaturas

a.c. (= *ante correctionem*) antes da correção
 CAC Códice Asensio-Cunha
p.c. (= *post correctionem*) depois da correção

Os textos

Ms. I-07,11,044.

A D. João de Alencastre, *quem* vindo do go|verno de Angola por escala a Bahia, e estando | nella hospede do Governador Antonio Luiz Gon|çalves da Camara Coutinho seu cunhado em | cujo desagrado se achava o *Poeta*, se queixou | de que este o não houvesse vizitado, pedindo|-lhe que ao menos lhe fizesse uma satyra | por obsequio.

<Décimas.>

A quem não dá aos fieis
 Perdão, se lhe ha de outorgar
 E eu hoje vo-lo hei de dar,
 Pedindo me perdoeis:
 5 Dou-vos o que mais quereis,
 E o que pedis por favor,
 Que quando chega um Senhor
 A pedir por não mandar,
 Mal lhe podia eu faltar
 10 C' uma satyra em louvor.

Não fui beijar-vos a mão,
 E dar-vos a bem chegada,
 Porque nessa alta morada
 Nunca tive introducção:
 15 Até agora a indignação
 Não quiz tão altivo tracto,
 Mas hoje é quasi distracto,
 Porque em todo o mundo inteiro

20 De fidalgo e de escudeiro
São brincos de cão com gato.

Os fidalgos e os senhores
Fartos de jurisdição
Fazem tudo e tudo dão
Á amigos e servidores:
25 Os que jogão de maiores
Por sangue, e não por poder,
Fazem jogo de entreter,
Porque o sangue desigual
Sempre bota ao natural,
30 E o mando bota a perder{.}

Perdoai a digressão,
Porque esta preluxidade
É boa luz da verdade,
E escuza satyra então:
35 Quando se offereça ocasião,
Meu senhor, de que eu vos veja
(Na igreja, ou na rua seja)
Hei de prender-vos os pés,
E estai certo, que essa vez
40 Vos não valerá a Igreja.

Estou na minha quintinha,
Que é chácara soberana,
Ora comendo a banana,
Jogando ora a laranjinha:
45 Nem visinho, nem visinha
Tenho, porque sempre cança,
Quem tudo vê, e nada alcança,
E na cidade são raros
Os olhos, que não são claros,
50 Si olhos são de visinhança.

Mas inda que desterrado
Me tem o fado e a sorte
Por um Juiz de má morte,
De quem não tenho appellado:
55 É hoje, que sois chegado,
Senhor, o tempo, em que appelle,
Fazei, que elrei o desvele
Pagar o serviço meu,

Pois é bizarro, e só eu
60 Não vim pago delle.

Variantes: Didascália CAC “A Dom João d’Alencastre vindo do governo de Angola, assistindo no mesmo Palácio, queixando-se, de que o Poeta o não visitasse, e pedindo-lhe uma sátira por obséquio.” || 3 vô-lo] vos CAC || 19 fidalgo] fidalgo, *a.c.* || 22 fartos] faltos CAC || 32 preluxidade] prolixidade CAC || 34 sátira] a sátira CAC || 51 inda] iñdaq *a.c.* || 60 pago] muito pago CAC

Glossário: 32 preluxidade (= perluxidade) : prolixidade.

Ms. I-07,11,045.

A João Gonçalves da Camara Coutinho, | filho do dito Governador Antonio Luiz Gonçal|ves da Camara, tomando posse de huma | Companhia de Infantes em dia de S. João | Baptista, assistindo-lhe de sargento seu tio | dom João de Alencastre.

(Décimas.)

No culto que a terra dava,
Equivocava-se a vista,
Si celebrava ao Baptista,
Si a Coutinho celebrava:
5 Um e outro João estava
Arrojando a sua planta
Tanto applauso e festa tanta;
Mas viu-se, que ao mesmo dia
Em que o Baptista cahia,
10 O Coutinho se levanta(.)

Viu-se que um João Baptista
Na terça feira cahira,
E que o outro João subira
A imperar nesta Conquista:
15 Mas não se enganou a vista
Por desacerto ou desgraça,
Antes com divina traça
Se notou e se advirtiu,
Que si um com graça cahiu,
20 Outro nos cahiu em graça.

Brava occurrencia se achou
No Martyrologio então,

O dia era de um João,
 E outro João lh'ó levou:
 25 Toda a cidade assentou
 Por razão e por carinho,
 Ser mais acerto e alinhó
 Preferir entre dous grandes
 Como um Silva a um Fernandes,
 30 A um Baptista um Coutinho.

Mais concurrencias se lerão,
 Porque pasmasse a Bahia,
 Dous num dia ha cada dia,
 Mais trez nunca concorrerão:
 35 Trez de um nome então vieram,
 E qual mais para applaudido,
 E assim confuso o sentido,
 Ficou em tão nova traça,
 Restaurada a nossa Praça,
 40 E o Kalendario aturdido.

Si de um só João no dia
 Si abalára a Christandade,
 Por trez de tal qualidade
 Quem se não abalaria?
 45 Tudo quanto então se via,
 Se via com grande abalo,
 Um mar de fogo a cavallo,
 A pé um Etna de flores,
 E por ver tantos primores
 50 O ceu dava tanto estalo.

A ver o grande Lancastro
 Quem não fez do aperto graça?
 Si sahiu o Sol á Praça
 Fazer Praça á tanto astro?
 55 O bronze pois, e alabastro
 Por solemnizar a gloria,
 Consentirão, que esta historia,
 Fique por mais segurança
 Nos archivos da lembrança
 60 Nos volumes da memoria.

Variantes: Didascália CAC “A João Gonçalves da Câmara Coutinho Filho do mesmo Governador tomando posse de uma gineta em dia de São João Batista, e lhe assistiu de Sargento Dom João

de Lancastro Seu Tio vindo do governo de Angola." | Companhia de Infantes] companhia de infantes *a.c.* || 2 Equivocava-se] Equivoca??? *a.c.* || 3 ao] o CAC || 4 a Coutinho celebrava] ao Coutinho festejava CAC || 6 a] à CAC || 13 o outro] outro CAC || 14 nesta] esta CAC | Conquista] conquista *a.c.* || 21 Brava] Braba CAC || 31 concurrencias] ocorrências CAC | lerão] leram *a.c.* || 34 concorrerão] concorreram *a.c.* || 38 em] com CAC || 42 abalára] abalava CAC || 44 abalaria?] abalaria! CAC || 51 Lancastro] Alencastro CAC || 54 á] a CAC

Glossário: 17 traça : artifício, manha, ardil.

Ms. I-07,11,046.

Ao Braço forte estando preso por ordem | do Governador Braço de prata.

Romance.

Prêso entre quatro paredes
Me tem Sua Senhoria,
Por regatão de despachos,
4 Por fundidor de mentiras.

Dizem que eu era um velhaco,
E mentem por vida minha,
Que o velhaco era o Governo,
8 E eu a velhacaria.

Quem dissera, quem pensára,
Quem cuidára, e quem diria,
Que um braço de prata velha,
12 Pouca prata, e muita liga;

Tanto mais que o braço forte
Fosse forte, que poria
Um Cabo de calabouço,
16 E um soldado de golilha?

Porém eu de que me espanto,
Si nesta terra maldita
Póde uma ovelha de prata
20 Mais que dez onças de alquim(i)a?

Quem me chama de ladrão
Erra o trincho á minha vida;
Fui assassino de furtos,

24 Mandavam-me, obedecia.

Despachavam-me a furtar,
E eu furtava, e abrangia:
Serão boas testemunhas
28 Inventarios e partilhas.

Eu era o ninho de guincho,
Que sustentava e mantinha
Co' o suor das minhas unhas
32 Mais de dez aves rapinas.

O povo era quem comprava,
O General quem vendia,
E eu triste era o corre(c)tor
36 De tão torpes mercancias.

Vim depois a aborrecer,
Que sempre no mundo fica
Aborrecido o traidor,
40 E a traição muito bem é quista.

Plantar o ladrão de fóra
Quando a ladroice fica,
Será limpeza de mãos,
44 Mas de mãos mui pouco limpas.

Elles guardaram o seu
Dinheiro, assucar, farinhas,
E até a mim me embolsaram
48 Nesta hedionda enxovia.

Si foi bem feito, ou mal feito,
O sabe toda a Bahia,
Mas si á traição m' o fizeram,
52 Com elles a traição fica.

Eu sou sempre o Braço forte,
E nesta prisão me anima
Que si é casa de peccados,
56 Os meus foram ninharias.

Todo este mundo é prisão,
Todo penas e agonias,

60 Até o dinheiro está preso
Em um sacco que o opprima.

64 A pipa é prisão do vinho,
E da agua fugitiva,
Sendo tão livre e ligeira,
É prisão qualquer quartinha.

68 Os muros de pedra e cal
São prisão de qualquer villa,
Da alma é prisão o corpo,
Do corpo é qualquer almilha.

72 A casca é prisão da fruta,
Da rosa é prisão a espinha,
O mar é prisão da terra,
A terra é prisão das minas.

76 Do ar é carcere um odre,
Do fogo é qualquer pedrinha,
E até de um Céu outro céu
É uma prisão crystallina.

80 Na formosura e donaire
De uma muchacha divina
Está presa a liberdade,
E na paz a valentia.

84 Pois si todos estão presos,
Que me cansa ou me fadiga,
Vendo-me em casa de El-Rei,
Junto a Sua Senhoria?

88 Chovam prisões sobre mim,
Pois foi tal minha mofina,
Que a quem dei cadêas de ouro,
De ferro m'as gratifica.

Variantes: Didascália CAC “À Prisão que fez este Governador a seu criado o Braço forte.” || 3 regatão] golotão CAC || 5 que eu era] que sou CAC || 8 eu a] eu sou a CAC || 9 Quem pensara, e quem dissera, CAC || 12 liga;] liga! CAC || 13 braço forte] Braço Forte CAC || 16 golilha] golia *a lápis na margem, riscado* || 19 ovelha] onça CAC || 20 alquima?] alquimia. CAC || 22 vida;] vida, *a.c.* || 26 E eu] eu CAC || 27 Serão] e são CAC || 31 Co’ o] com CAC || 32 rapinas] rapinhas CAC || 35 corre(c)tor] *ct a lápis na margem* || 37 aborrecer] enfadar CAC || 39 o traidor] e traidor *a.c.* || 40 bem é quista] bem quista *a.c.* : bem vista

CAC || 41 o ladrão de fóra] de fora o ladrão CAC || 45 guardaram] cobraram CAC || 46
farinhas] farinha CAC || 47 E até] até CAC || 49 Si] Se *a.c.* || 51 si] se *a.c.* | á traição
m’o] a traição ma CAC || 63 livre é] leve, CAC || 67 Da alma] d’alma CAC || 69 da
fruta] das frutas CAC || 73 Do ar é carcere] É cárcere do ar CAC || 75 de um Céu] de um
céo *a.c.* | de um Céu outro céu] um céu de outro céu CAC || 83 de El-Rei] d’El-Rei CAC ||
84 a Sua] à Sua CAC

Glossário: 16 golilha : argola de ferro à qual se prendiam escravos e criminosos no pelourinho. ||
29 guincho : espécie de andorinha. || 46 assucar] açúcar || 78 muchacha : garota, moça.

Ms. I-07,11,047.

A Pedro Alves da Neiva quando embarcou | para Portugal.

Romance.

Adeus, amigo Pedro Alves,
Que vos partistes d’aqui
Para geral desconsolo
4 D’este povo do Brazil.

Partiste(s)-vos, e oxalá
Que então vos vira eu partir,
Que sempre um quarto tomára
8 A livra por dous seitz.

Pozera o quarto em salmoura,
E no fumeiro o pernil,
O pé não, porque me dizem
12 Que vos fede o escarpim.

Guardára o quarto de sorte,
Que se vos podéra unir
Na surreição dos auzentes
16 Quando tornasseis aqui.

Mas vós não fostes partido,
Mente quem tal cousa diz,
Antes fostes muito inteiro,
20 E sem se vos dar de mim.

Saudades não as levastes,
Deixaste-las isso sim,
Porque de todo este povo
24 Ereis o folgar e rir.

Dezenfado dos rapazes,
 Das moças o perrexil,
 O burro da vossa casa,
 28 E da cidade o rocim.

Lá ides por esses mares,
 Que são vidraças do anil,
 Semeando de asnidades
 32 Toda a vargem zaphir.

O piloto e a companha
 Apostarei que já diz,
 Que vai muito arrependido
 36 De ir(d)es no seu camarim.

((Faltam as 22 últimas estrofes.))

Variantes: Didascália CAC “Casado, e rico se embarcou para Portugal a comprar nobreza; e o Poeta lhe faz as despedidas profetizando, o que realmente sucedeu.” || 1 Pedro Alves] Pedralves CAC || 4 povo] Estado CAC || 5 partiste-vos] partistes-vos CAC || 6 vira eu] vira CAC || 8 libra] libra CAC | seitz] seitis *na margem* : ceitis CAC || 12 escarpim] carpim *a lápis na margem, riscado* || 21 não as] não CAC || 24 e rir] e o rir CAC || 31 a companha] à companha CAC || 32 vargem zaphir] margem de Zafir CAC || 36 ires] irdes CAC

Glossário: 7 quarto : mão e perna de uma rês separadas das restantes na altura do lombo ou da barriga. || 8 Livra : desafogo depois de passado o perigo. | seitz (= ceitel) : moeda de valor irrisório (“Não se vendem cinco passarinhos por dois ceitis?” Lc 12:6). || 12 escarpim : sapato de solado fino que, no séc. XVII, podia ser usado por homens, principalmente como parte de trajes de baile; do italiano *scarpino*. || 15 surreição : ressurreição. || 26 perrexil : objeto de riso e troça. || 32 vargem : várzea. | zaphir (= Zafir) : safira; a cor azul; o mar. || 36 camarim : pequeno compartimento destinado à guarda/instalação de equipamentos delicados nos navios.

Bibliografia

- Agostinho de Hipona. 1863. *De Civitate Dei*, libri XXII, ed. B. Dombart. Leipzig: B. G. Teubner.
- Caetano de Sousa, D. António. 1755. *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal etc.* Lisboa: Regia Officina Sylviana.

- Calderón de la Barca, Pedro. 2006. *La Vida Es Sueño*, ed. Ciriaco Morón. Madrid: Cátedra Letras Hispánicas.
- Hansen, João Adolfo. 2004. *A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII*. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora UNICAMP.
- Kasser, Rodolphe et alii. 2006. *The Gospel of Judas from Codex Tchacos*. Washington D.C.: National Geographic.
- Macêdo, Nathália. 2011. "Um Governador Português na Colônia Brasileira pela Óptica de Ana Miranda". *Navegações*, 4 (2) (jul.-dez.), 183-186.
- Manuscrito I-07,11,044 ("A D. João de Alencastre, quem vindo do governo de Angola por escala a Bahia" etc., quatro fólhos). Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Rio de Janeiro. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_I_07_11_044/mss_I_07_11_044.pdf
- Manuscrito I-07,11,045 ("A João Gonçalves da Camara Coutinho, filho do dito Governador Antonio Luiz Gonçalves da Camara" etc., quatro fólhos). Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Rio de Janeiro. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_I_07_11_045/mss_I_07_11_045.pdf
- Manuscrito I-07,11,046 ("Ao Braço forte estando preso por ordem do Governador Braço de prata", cinco fólhos). Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Rio de Janeiro. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_I_07_11_046/mss_I_07_11_046.pdf
- Manuscrito I-07,11,047 ("A Pedro Alves da Neiva quando embarcou para Portugal", dois fólhos). Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Rio de Janeiro. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_I_07_11_047/mss_I_07_11_047.pdf
- Matos, Gregório de. 1882. *Obras Poéticas de Gregorio de Mattos Guerra*, precedidas da *Vida do Poeta* pelo licenciado Manuel Pereira Rebello, tomo I, intro. A. do Valle Cabral. Rio de Janeiro: Typographia Nacional.
- Matos, Gregório de. 1999. *Crônica do Viver Baiano Seiscentista: Obra Poética Completa: Códice James Amado*, vol. I, ed. James Amado. Rio de Janeiro: Record.
- Matos, Gregório de. 2010. *Poemas Escolhidos de Gregório de Matos*, seleção e prefácio de José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras.
- Matos, Gregório de. 2014. *Gregório de Matos: Poemas Atribuídos: Códice Asensio-Cunha*, vol. 1, ed. e estudo de João Adolfo e Marcello Moreira. Belo Horizonte: Autêntica.

- Moreira, Marcello. 2011. *Critica Textualis in Caelum Revocata?: Uma Proposta de Edição e Estudo da Tradição de Gregório de Matos e Guerra*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Platão. 2015. *Apologia de Sócrates; Críton*, trad. Carlos Alberto Nunes; org. Benedito Nunes e V. S. Pinheiro; texto grego de John Burnet. Belém: Ed. UFPA.
- Quevedo, Francisco de. 2000. *La Vida del Buscón Llamado Don Pablos*. Edição de Domingo Ynduráin. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Regina, Silvia La. 2006. “Manuel Pereira Rabelo, Autor de *A Vida do Doutor Gregório de Mattos*: um Fantasma da Literatura Brasileira”. *Estudos Linguísticos e Literários*, 33-34 (jan.-dez.), 169-198.
- Topa, Francisco. 1999. *Edição Crítica da Obra Poética de Gregório de Matos*. Tese de doutoramento em Literatura Brasileira. Porto (Portugal): Faculdade de Letras da Universidade do Porto. — Vol. I, t. 1: Introdução; *Recensio* (1ª Parte) — vol. I, t. 2: Introdução; *Recensio* (2ª Parte) — vol. II: Edição dos Sonetos.
- vv.aa. 1936. *Documentos Históricos 1692-1712: Provisões, Patentes, Alvarás, Cartas*, vol. 34. Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional; Typ. Arch. de Hist. Brasileira.
- vv.aa. 1952. *Documentos Históricos do Arquivo Municipal: Cartas do Senado 1673-1684*, 2º vol. Salvador (BA): Prefeitura do Município do Salvador.
- Vieira, Padre António. 2000. *Sermões*, tomo 1, org. Alcir Pécora. São Paulo: Hedra.
- Waldemer, Thomas P. 2005. “O Braço de Prata and the Hand of Tyranny in Ana Miranda’s *Boca Do Inferno*”. *Romance Notes*, 46 (1), 53-60.

José Leonardo Sousa Buzelli (São Paulo, 1974)

Bacharel em Cinema pela USP e licenciado em Letras pela UNICAMP, onde doutorou-se em Teoria e História Literária (2014). Dedicou-se principalmente à Crítica Textual, editando textos lusófonos e clássicos — como os manuscritos de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e os *Fragments de Poesia Épica e Cômica da Grécia Antiga* (São Paulo, 2019).

Contato: jlsbuzelli@hotmail.com

Recebido: 26/08/2022

Aceito: 17/02/2023